

## **Igualdade na diversidade: o aluno enquanto indivíduo inserido nos mais diversos contextos sociais**

*Vivian Elena Silveira Benite*<sup>1</sup>  
*Juliana de Alcântara Silveira Rubio*<sup>2</sup>

### **Resumo**

Este artigo traz à tona a importância da construção de um projeto educacional democrático, igualitário e libertador, contribuindo, assim, para um processo de ensino-aprendizagem de qualidade. Levando em conta a realidade dos alunos e sabendo utilizar das diversidades neles encontradas, pode-se favorecer o seu desenvolvimento cognitivo. Partindo deste pressuposto, a participação da escola nesse processo é fundamental.

**Palavras Chave:** igualdade, diversidade, cultura, aprendizagem, educação.

### **1. Introdução**

Num contexto de massificação, de exclusão, de desarticulação da escola com a sociedade é possível perceber a importância em construir-se um projeto educacional democrático, igualitário e libertador.

Há várias décadas a escola vem transformando as desigualdades sociais e culturais em desigualdades de resultados escolares, devido à sua "indiferença pelas diferenças". Atualmente, novas ferramentas estão sendo utilizadas para demonstrar que o fracasso escolar não é uma fatalidade: a pedagogia de suporte, a pedagogia diferenciada, o ensino por ciclos, os estudos dirigidos, módulos no ensino médio, entre outras. No entanto, essas iniciativas nem sempre produzem os resultados esperados e, às vezes, os professores se desestimulam e retornam ao ensino coletivo que tinham denunciado antes.

Sabendo da relevância deste assunto e buscando conhecer o aluno enquanto indivíduo inserido num contexto social de onde deverá sair o conteúdo a ser trabalhado, surgiu a intenção de abordar o tema "Igualdade

---

<sup>1</sup> Pós-graduanda em Psicopedagogia pela Universidade Nove de Julho – UNINOVE.

<sup>2</sup> Mestre em Educação pela Universidade Estadual Paulista – UNESP – Professora orientadora.



na Diversidade”, já que a realidade com a qual nos deparamos na educação nos mostra o quanto é importante levarmos em conta a realidade do aluno, contribuindo, assim, para o seu desenvolvimento cognitivo.

Para isso, o educando deve ser desafiado constantemente a refletir sobre seu papel na sociedade e a repensar a sua história.

"(...), o real não está na saída nem na chegada, ele se dispõe para gente é no meio da travessia. Mire e veja: o mais importante e bonito desse mundo é: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas -- mas que estão sempre mudando. Afinam e desafinam. Verdade maior é o que a vida me ensinou" (Guimarães Rosa)

Constatando a vasta publicação nesse sentido, ocorreram as seguintes perguntas: quais são as “diversidades” que podem implicar na aprendizagem? Qual a relação existente ente cultura e educação? Como o professor pode utilizar da diversidade encontrada nos educandos para favorecer o ensino?

Partindo destes questionamentos, a participação da escola nesse processo é de fundamental importância. É nela que formamos cidadãos conscientes e críticos, para esta sociedade tão diferente.

## **2. O cotidiano escolar**

É preciso, antes de efetivamente continuar este texto, negritar aspectos significativos, no que se refere a pensar e a instituir práticas pedagógicas na perspectiva multicultural crítica, criativa e inclusiva, diante do trinômio: *Educação, diversidade e igualdade*:

- Estamos no território fluído do “constituindo-se”, da incerteza, da tensão constante entre unidade que iguala, unifica, universaliza, naturaliza e da diversidade que singulariza.
- Estamos imersos nos perigos das armadilhas de um mundo que tende a negar a diferença, estabelecendo padrões de normalidade



excludente, normas padronizadas, etiquetadas, estereotipadas, planificadas, que hierarquizam as diferenças, o humano.

O cotidiano escolar é complexo, sobretudo ao pensá-lo na perspectiva da diferença; afinal, fomos formados como docentes tendo como raízes uma visão universalista e convergente do pensamento humano. Nós nos iludimos com unanimidade, com respostas únicas, presentes únicos, tempos únicos, imagens padronizadas que representam os alunos ideais, provas objetivas, o discurso da normalidade, da ordem, da evolução, do progresso, do desenvolvimento evolutivo, da família estruturada num padrão que não corresponde à diversidade de organizações familiares existentes. Muitos de nós fomos formados na perspectiva de que a escola tinha como principal função moldar os alunos, controlar, preparar para a vida (Estranho, não? O que acontece no aqui - agora do cotidiano não é vida?), dar aula, ou preencher o ser vazio com o conhecimento acumulado pela humanidade e socialmente valorizado, ou permitir que este conhecimento preexistente neste aluno possa desenvolver-se, expandir-se com a intervenção do professor. Uma formação na qual o controle parece ser uma das palavras-chaves.

Exemplos não nos faltam: controle do espaço – há escolas que já possuem circuito interno de TV até no banheiro; controle da fala – parecem familiares expressões como: ‘Silêncio!’, “Não é assim que se fala essa palavra, menino!”, “Cale a boca!”, “Não pode!”, “Sente-se!”, controle do corpo – modos de andar, sentar, falar, sorrir, pegar nos talheres, hora de ir ao banheiro, de beber água; da normalidade, sobretudo quando o aluno tem comportamentos que “atrapalham” o “bom” andamento do cotidiano.

Ouve-se em muitos espaços educativos o discurso recorrente: temos que respeitar as diferenças; temos que respeitar o diferente. Contudo, após investigar de que diferenças falam, descobre-se que, em muitos casos, estão falando dos portadores de necessidades especiais, dos negros, dos indígenas, dos que pensam e agem de maneira diferente da pretensa normalidade, unanimidade de um grupo, o divergente.



Contudo, o que tem isso de diferente? Em vários aspectos, somos todos diferentes, afinal, ninguém é igual, no sentido estrito da palavra, a ninguém. De outro lado, mesmo sendo todos diferentes, somos todos semelhantes, e esta semelhança nos caracteriza como sendo da espécie humana.

“Há uma unidade humana. Há uma diversidade humana. A unidade não está apenas nos traços biológicos da espécie *Homo sapiens*. A diversidade não está apenas nos traços psicológicos, culturais, sociais do ser humano. Existe também diversidade propriamente biológica no seio da unidade humana; não apenas existe unidade cerebral, mas mental, psíquica, afetiva, intelectual; além disso, as mais diversas culturas e sociedades têm princípios geradores ou organizacionais comuns. É a unidade humana que traz em si os princípios de suas múltiplas diversidades. Compreender o humano é compreender sua unidade na diversidade, sua diversidade na unidade. É preciso conceber a unidade do múltiplo, a multiplicidade do uno.”

(Edgar Morin)

Destacam-se alguns pontos relevantes para a instituição de práticas pedagógicas na perspectiva multicultural crítica, criativa e inclusiva e que ainda transitam no fio da navalha da tensão diversidade-igualdade num cotidiano escolar, ainda marcado por uma lógica de produção e reprodução de desigualdades e injustiças sociais, étnicas e culturais: somos únicos e somos múltiplos, somos uma riqueza de possibilidades. Podemos conectar-nos, compreender-nos, comunicar-nos, interagir. Constituir-nos em comunidades, grupos, sociedades, civilizações e compartilhar a existência.

A escola, que deveria ser espaço para a construção da igualdade, acaba multiplicando a cultura conservadora, muitas vezes, tornando-se palco de ações que geram mais preconceito.

## **2.1 – O professor**

Ser educador/a hoje no Brasil, é, antes de tudo, um ato de 'fé' na capacidade do ser humano de se transformar. Faz-se necessário acreditar nas possibilidades da escola, enquanto organização, capaz de superar as



imensas limitações que a cercam e a oprimem e nas potencialidades da ação coletiva do professorado. “É a necessidade de não ser espectador e ousar arriscar gestos” (FISCHMANN, 2000, p. 91).

Sendo assim, uma das grandes preocupações na contemporaneidade é a construção de uma educação com qualidade para a totalidade da população. Uma escola que entenda que todos têm o direito de não só nela ingressar, mas nela permanecer, aprender e sair com conhecimentos que possibilitem a vida em sociedade, participando efetivamente da construção/reconstrução de uma comunidade humanitária, solidária, cidadã.

Uma, entre tantas possibilidades de práticas pedagógicas que existem, é a de se desconstruir o currículo oficial – engessado e engessante – e trabalhar com Unidades Temáticas pensadas a partir de um planejamento coletivo após saber um pouco das crianças/jovens e adultos do processo de aprendizagem do qual o professor faz parte.

Além disso, o educador não deve apenas ser um transmissor de conhecimentos, e sim, mediar e orientar a aprendizagem. Ajudar a formular conceitos, a despertar as potencialidades inatas dos indivíduos para que se forme um consenso em torno de verdades e eles próprios encontrem as suas opções. O professor, quando se imagina “dono da verdade”, detentor do saber, se frustra. Quando se apresenta cheio de humildade, de compreensão e vontade de aprender, resplandece e brilha!

O professor clássico, aquele que mais sabe e que vai distribuir seu saber, está deixando de existir. Do ponto de vista de acumulação do saber, o computador é melhor e mais rápido.

O professor não é mais aquele que detém em termos absolutos o saber. Ele é o que detém a porta, a passagem, o que faz a mediação. Ele leva o indivíduo a refletir, a imaginar e a criar.



É importante lembrar que é de suma importância trabalhar a partir da realidade dos alunos, e que os professores, para efetivamente contemplarem uma perspectiva inclusiva, precisam construir um currículo que vá além do que está prescrito, que seja baseado no cotidiano escolar e contribua para fazer discussões de acolhimento ao outro. É preciso pensar em atividades alternativas que valorizem a pluralidade cultural e as diferentes possibilidades dos nossos iguais, alguns que muitas vezes têm necessidades educativas especiais, outros de etnia e culturas diversificadas, e outras tantas diferenças que só têm a contribuir no nosso desenvolvimento, mas que vêm sendo entendidas como desigualdades. E para tanto, é necessário que se trabalhe numa perspectiva de investigação/exploração das ricas possibilidades existentes propiciando/provocando uma troca enriquecedora.

“Uma prática docente que seja voltada para a diversidade étnica e cultural da nossa população, sobretudo dessa população que, ao longo da história do Brasil, vem sendo alijada dos direitos civis, sociais e humanos [...] Uma prática docente política, ideológica e humanamente comprometida como nosso povo mestiço, belo, forte, que luta, que surpreende, que ri, que chora, que cria cotidianamente saberes, estratégias, práticas que possibilitem viver/sobreviver, num tempo em quem a exclusão social é vista como um valor positivo e como inevitável” (TRINDADE, 2000, p. 15-16).

De acordo com Freire (2002), é importante que se estabeleça e que se lute por relações horizontalizadas no fazer pedagógico, para que as relações estabelecidas entre professor e aluno se deem e se firmem por meio do diálogo, por relações permeadas de afeto, respeito, cuidado e embasadas em um sólido compromisso técnico e político do professor para com a apropriação de saberes significativos por parte dos alunos. “A competência técnico científica e o rigor de que o professor não deve abrir mão no desenvolvimento do seu trabalho, não são incompatíveis com a amorosidade necessária às relações educativas” (FREIRE, 2002, p. 11).



Na perspectiva de reconstrução das práticas e resultados escolares como parte de um processo mais amplo de recriação social, o papel do educador é fundamental, pois como sujeitos ativos na sala de aula e nas possibilidades concretas de elaboração de práticas pedagógicas cotidianas, são capazes de contribuir com a construção do sucesso escolar de todos/as que chegam à escola.

Como afirma Esteban (2001) é preciso indagar as vozes silenciadas e as vozes amplificadas nos discursos da escola e sobre a escola; interrogar os discursos legitimados sobre a infância, sobre a adolescência, sobre os jovens, sobre o adulto, sobre a aprendizagem, sobre o ensino, sobre os usos escolares da linguagem escrita, sobre os parâmetros de sucesso ou fracasso escolar. Precisamos estar em constante estado de reflexão-ação-reflexão, indagando e investigando sempre.

## **2.2 – Diversidade, cultura e educação**

Silva (2000) nos alerta quando diz que não podemos esquecer que a identidade e a diferença são interdependentes e resultantes da criação sócio histórica humana por meio da criação linguística. É pelo discurso que se estabelece e se valoriza o que é considerado 'normal' ou 'anormal', sem considerar que cada indivíduo apresenta características específicas, próprias, singulares e ímpares.

Dessa forma, ainda segundo Silva (2000) toda reflexão que envolva identidade e diferença deve levar em conta as diferentes visões de mundo, de homem, de mulher, de sociedade e de moralidade que são produzidas social e culturalmente em cada região e em diferentes intervalos de tempo, podendo-se constatar a existência concreta de sujeitos com traços característicos, que estão e são distantes do padrão aceito como 'normal'.

Assim, é importante entendermos a relação cultura e educação. De um lado está a educação e de outro a cultura como o lugar, a fonte que nutre



o processo educacional que tem intenção de formar pessoas, para formar consciências.

“A cultura é, pois, essa dinâmica de relacionamento que o indivíduo tem com o real dele, com a sua realidade, de onde vêm os conteúdos formativos, ou seja, de formação para o processo educacional (SODRÉ, TRINDADE, 2000, p. 17)”.

Nem sempre no Brasil, e no resto do mundo de uma maneira geral, a ausência de letra, o analfabetismo, o não ser letrado, significa não ser culto. É possível ter sabedoria, ter cultura, no sentido de uma instrumentalidade para lidar com o real, sem passar pela letra. É claro que é necessário alfabetizar-se, porque é isso que qualifica o sujeito para o emprego [...]. Todo mundo tem que aprender a ler, todo mundo tem que ir para a escola (SODRÉ, TRINDADE, 2000, p. 19).

Reconhecer e respeitar a diversidade cultural existente nos obriga a revisarmos-nos e provavelmente levará a educação a desembaraçar-se de ter se tornado máquina de produção de profissionais e de diplomas “burocratizantes”.

Deve-se ressaltar que quem faz o professor é a escuta do aluno. É ela que propicia a construção docente. As salas de aula devem ser dinâmicas, espontâneas, participativas, espaço-tempo onde todos podem expressar-se, falar do seu lugar, da sua cultura, serem ouvidos e ouvirem. Trabalhar com temas relacionados às vidas e experiências dos alunos, estimulando-os a levarem a comunidade para a sala de aula.

A escola, muitas vezes, não tem sido um espaço democrático e de igualdade, pois sem que perceba repete as relações de dominação e de exploração da sociedade, por meio da exclusão da escola e na escola de alunos que não correspondem à identidade “normal, natural, desejável e única”, porque vivemos numa sociedade na qual a supremacia é a



identidade ditada pelo modelo econômico e cultural ocidental, como salienta Santos (2002).

Ensinar alunos afro-descendentes, requer mais do que prepará-los para um sucesso individual, significa prepará-los para a sobrevivência: da própria pessoa, da família, da comunidade e das outras pessoas (SODRÉ, TRINDADE, 2000).

Para resgatar as diferentes culturas que estão no cotidiano de uma sala de aula, os trabalhos de pesquisa são de uma riqueza enorme e devem contar com a participação da comunidade escolar como um todo, unida e parceira. Tendo como 'pano de fundo' uma concepção interacionista de educação, entendendo que explicações individuais e correções imediatas são menos significativas na remoção de obstáculos de aprendizagem do que situações desafiadoras e interativas que podem contribuir efetivamente na construção/reconstrução da identidade do educando.

### **2.3 – Práticas Pedagógicas**

Criar alternativas pedagógicas que possibilitem que tão difícil processo de construção/reconstrução seja pensado por todos/as que estão fazendo a escola hoje é de suma importância porque a sociedade continua a atuar no sentido de que se mantenha o status quo, já que os educandos são ensinados diariamente, através das relações de trabalho e dos meios de comunicação de massa, a valorizar os padrões de comportamento, a ética e a estética da civilização ocidental, burguesa, branca e patriarcal e sabemos que ao confirmarem-se esses padrões e valores, cooperamos para manutenção das relações de dominação.

Dessa forma, as práticas pedagógicas pensadas por meio de um trabalho coletivo objetivam desconstruir um imaginário de repressão, de desvalorização por meio da desconstrução de um currículo que vem sendo



pensado por pessoas que estão longe do cotidiano escolar, e para tanto é preciso contar com a participação de todos – atores e atrizes, autores e autoras – que vivem o dia-a-dia da/na escola num trabalho que não cessa, que não tem regras determinadas, nem fórmulas mágicas. Trata-se de um trabalho de pesquisa constante que exige ação-reflexão-ação contínuas, porque existe o entendimento de que não há mais espaço para unidades engessadas, pré-determinadas, fixas e homogêneas.

O trabalho de desconstrução/construção propicia não só a participação, mas a aprendizagem e a apreensão das peculiaridades dos alunos, valorizando as mais diversas culturas e também buscando contribuir para a formação de maneira valorativa da cidadania multicultural de um povo miscigenado, híbrido e diverso em sua singularidade/individualidade e subjetividade em constante construção/desconstrução.

Faz-se de suma importância introduzir na escola a discussão sobre a nossa história, tanto local como global, porque as histórias estão imbricadas, entrelaçadas em fios que vão se tecendo e se emaranhando. É preciso que discutamos sobre a construção e a manutenção da hegemonia ocidental – do homem branco – para que possamos construir a corrente contra-hegemônica.

Desta forma, é possível contribuir para romper com a visão ensinada na escola em que “bem e mal” se opõem, o bem representado pelos interesses hegemônicos, e o mal, personificado nas diferenças.

Podemos trabalhar com práticas pedagógicas que envolvam as danças, teatro, histórias, poesias, e ainda explorar por meio de pesquisas e apresentações o quanto somos iguais nas diferenças.

Há de se fazer uso de uma pedagogia libertadora através de práticas pedagógicas que trabalhem com as ricas e diversas possibilidades de todos



que vêm sendo excluídos na/da escola porque esta ainda se encontra muito 'amarrada' a um modo, uma maneira, uma racionalidade de se fazer educação. Quando dizemos pedagogia libertadora, nos referimos a necessidade urgente de romper com 'verdades' de muitas pedagogias que parecem só conhecer, só pensar a escola e suas práticas de ensino-aprendizagem dentro da racionalidade técnica-instrumental. Desconsideram outras lógicas como a estético-expressiva e a ético-prática e, pensar a escola dentro de uma única lógica acaba por segregar, por excluir. Além de apagar a nossa identidade cultural, também contribui para a dita 'não aprendizagem' de muitos e muitas que são tachados/as como alunos/as que têm problemas de aprendizagem. E não paramos para pensar e discutir as dificuldades de ensinagem que podemos ter.

### **3. Considerações Finais**

As diversas e múltiplas subjetividades, singularidades e maneiras de ser e estar no mundo, como também a riqueza da história de cada aluno, podem contribuir para a construção de uma sociedade democrática onde não exista espaço para segregações ou visões etnocêntricas e excludentes. É o respeito ao outro em suas diversas e múltiplas peculiaridades, seus saberes, suas culturas, seus jeitos de ser e de viver que faz com que a escola esteja aberta e atenta para somar e não para continuar dividindo.

Neste sentido, é necessário que realmente haja uma transformação significativa, fazendo com que as pessoas envolvidas no processo ensino-aprendizagem mudem seus pensamentos, exterminem os preconceitos e comecem a acreditar, "somos todos iguais nas diferenças".

### **Referências Bibliográficas**

ALMEIDA, Ana Rita Silva. **A emoção na sala de aula**. Campinas, SP: Papyrus, 1999.



ANTUNES, Celso. **A linguagem do afeto: como ensinar virtudes e transmitir valores**. Campinas, SP: Papirus, 2005.

ARANTES, Valéria Amorim (org.). **Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo, SP: Summus, 2003.

CURY, Augusto Jorge. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Sextante, 2003.

ESTEBAN, T. **O que sabe quem erra? : reflexões sobre avaliação e fracasso escolar**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

FERNANDEZ, Alícia. **A inteligência aprisionada**; Tradução Iara Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GARCIA, Regina Leite. **Currículo emancipatório e multiculturalismo – reflexões de viagem**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; MOREIRA, Antonio Flávio. (org.). Territórios Contestados. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

GOLEMAN, Daniel, PhD. **Inteligência emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Objetiva Ltda., 1995.

GOTTMAN, John, PhD com JOAN DeCLAIRE. **Inteligência emocional e a arte de educar nossos filhos**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Objetiva 1997.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Para um novo senso comum : a ciência, o direito e a política na transição paradigmática**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, Tomaz Tadeu. da. (org.). **Identidade e diferença : a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. cap. 2, p. 73 -102.

SODRÉ, Muniz. **Cultura, diversidade cultural e educação**. In: Trindade, Azoilda Loretto da e Santos, Rafael (Org.). **Multiculturalismo – mil e uma faces da escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. **Olhando com o coração e sentindo com o corpo inteiro no cotidiano escolar**. In: TRINDADE, Azoilda da; SANTOS, Rafael dos. (org.). **Multiculturalismo: mil e uma faces da Escola**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

\_\_\_\_\_. **O racismo no cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: FGV/IESAE. Dissertação de Mestrado, 1994.



**WEISS, M.L.L. Psicopedagogia clínica – uma visão diagnóstica de aprendizagem escolar. Rio de Janeiro, RJ: Lamparina, 2008.**